

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INTERINO) — ARMANDO ROCHA CRUZ — DIRECTOR ADJUNTO — ARMANDO DE MENDONÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 11 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO VIII • N.º 396
DOMINGO, 9 DE ABRIL DE 1961

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
TEL. 59 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CANÇÃO do Zé Andorinha

por Candeias Nunes

Zé Andorinha tem um barco à vela. Vai pelo mar afora, lançar o aparelho. Quando o mar se arqueia, fica no rio. Então os outros passam por ele e dizem: «Boa noite, Zé!»

Zé Andorinha não sabe ler, mas sabe fazer contas. Deitou contas à vida e achou que ganharia mais se não tivesse patrão. Talvez que não ganhasse mais dinheiro, mas de certeza ganhava mais liberdade.

Zé Andorinha canta enquanto pesca. Se houver peixe, o peixe vem ouvir Zé Andorinha cantar. E os peixes mais velhos, os mais sábidos, ouvem Zé Andorinha cantar, raspam-se e dizem: «Boa noite, Zé!»

Zé Andorinha não tem mulher. Para quê mulher se tem um barco? Enquanto pesca conta as estrelas. Para lá das estrelas haverá mar? E nesse mar haverá peixe?

Zé Andorinha é um tipo fixe. Nunca foi à tropa porque não o chamaram. Tem um barco à vela, tem um mar para si. Tem um trapo roto que lhe cobre o tronco. Tem a boca cheia de canções salgadas: «Ói-ói... ói-ói...»

Zé Andorinha parte ao pôr-do-sol. O seu barco negro chama-se «gaióva». Quando os outros passam dão as boas-noites. E a voz do Zé soa cristalina: «Ói-ói... boa noite, amigos... ói-ói... ói-ói...»

(Conclui na 4.ª página)

A necessidade de um Jardim-Escola em Vila Real de Sto. António

por Valentim da Cruz

TEMOS de ser da nossa época. Qualquer atraso em relação a ela, atrai-nos para uma distância que dificilmente se poderá anular. A vida não pára. Tudo evoluciona. O que ontem parecia longínqua perspectiva é hoje premente necessidade.

Isto vem a propósito da necessidade de um Jardim-Escola em Vila Real de Santo António. *Ontem*, poderia parecer a muita gente um delicioso sonho numa noite de Verão. Mas, *hoje*, sabe-se, sente-se que é uma autêntica necessidade. Uma autêntica necessidade, não só para Vila Real de Santo António como para qualquer vila ou cidade que possua um aglomerado populacional que ultrapasse a dezena de milhar de almas-corpos.

Dir-se-á que é uma pretensão demasiado ousada, quando, no Algarve, nem a própria capital tem ainda o seu!

Mas o nosso parecer é bem diferente. Quem é culpado de que Faro ainda não tenha cumprido com o seu dever-necessidade de dotar a maior e mais bonita terra algarvia com o grande melhoramento que um Jardim-Escola representa para seus filhos e, na eventualidade, para toda a região do Sul? Pavimentam-se ruas. Muito bem! Melhora-se toda a rede de iluminação. Muito bem! Construam-se inúmeras casas habitacionais. Ainda muito bem! Alin-

(Conclui na 4.ª página)

Barlavento, Sotavento e Loulé



Diminuídos Físicos

por TIAGO LINS

O ENCONTRO casual, não há muitos dias, com uma irmã de caridade que servia na Leprosaria Rovisco Pais, esse homem obscuro e ignorado que num gesto de galhardia subiu ao lugar dos eleitos, resgatando faltas que porventura houvesse cometido, quando legou a sua fortuna para aquele fim, veio confirmar-nos aquilo que, aliás, já sabíamos: Que naquele hospício se albergava para cima de mil doentes e que outros mais se espalham pelo País por carência de acomodação e que representam um perigo permanente de contaminação da horrível doença. Mas sabemos mais, e isso nos satisfaz imenso, que bastantes daqueles infelizes têm sido dados como clinicamente curados, embora sujeitos durante algum tempo à vigilância dos médicos especialistas. E não nos aborrecemos nem cansamos de apontar estes exemplos áquelles que, possuindo muitos bens materiais, têm como sumo prazer o senti-los aferrolhados em possantes arcas onde têm o mérito e produzem como os calhaus rebolados dos ribeiros. Nada há mais improdutivo que o dinheiro sujeito a cativo. Também os presos submetidos à inactividade dos calabouços só adquirem vícios repellido como inadmissível qualquer virtude filha do trabalho.

Ontem ouvimos através do jornal sonoro da Emissora Nacional uma entrevista com uma dirigente da Fundação Seia, esta dedicada aos cegos. Explicou a referida senhora as dificuldades em que tropeça a recuperação dos invisuais. Mas as dificuldades maiores, acentuou a entrevistada, derivam da incompreensão do público que não auxilia obra tão humanamente meritória e proveitosa e da dos patrões que recusam obstinadamente — não todos, felizmente, — a admissão dos cegos recuperados nos seus laboratórios, oficinas e escritórios, negando-lhes qualidades que ao fim se verifica eles possuem. Admitindo mesmo, e isso parece que se não dá, que as qualidades de trabalho de um cego ficam aquém das de um homem normal, o prazer de se valorizar um inválido não recompensa o pequeno prejuízo que possa ocasionar? Então não haverá para os homens de fortuna e de negócio outro alvo a atingir se não o dos seus cofres abarrotados? Se tivessem um filho cego não gostariam vê-lo moralmente erguido do trabalho.

(Conclui na 4.ª página)

DEFENDENDO A ACADEMIA

pelo dr. D. BALTAZAR

A PROPÓSITO de uma local que vimos publicada há dias num jornal da nossa província, cujo significado, na imprensa regional, não podia passar despercebido, queremos trazer a estas colunas alguns comentários acerca do que na mesma local se apelida de «academia falida».

É provável que um pequeno jornal chamado «Camarada», saído no Liceu de Faro como jornal académico, tivesse vindo à luz anémico e aleijadinho, como refere o autor.

É também muito possível, não custa acreditar, que a decadência e a improdutividade transpareçam ou apareçam no dito jornal. Forças com sentido diferente daquelas chamadas essencialmente académicas, têm produzido tais efeitos. Matéria bem conhecida, cavalo morto para batalhar.

Mas com o que não podemos concordar é com o termo «academia falida», e duvidamos que o tal órgão académico seja filho da

(Conclui na 4.ª página)

A Influência das Leituras NAS CRIANÇAS

por ANTÓNIO DA COSTA

A CRIANÇA é a matéria delicada e primária que tem de ser trabalhada pelo adulto com todos os requisitos de compreensão, bom-senso, tolerância, flexibilidade progressiva, persuasão e uma grande dose de humanismo. Também será necessário um fundo sentido de coragem e honestidade, para que a mescla resulte num todo harmónico e sã.

Na fase da correria desenfreada para o «mais fácil» e «mais depressa» que pesa sobre as gerações do presente, necessário se torna que os que têm sobre os ombros a pesada responsabilidade da educação juvenil não desmereçam a confiança posta em suas mãos para que a finalidade pretendida seja alcançada, a bem da sociedade futura.

Diversos, numerosos elementos se congregam para um mesmo fim, como pequenos veios de água corrente para a formação de um rio. No aspecto educacional da criança, sabemos que é um dever dos responsáveis de todas as nações velarem pela manutenção da saúde moral, mental e física dos seus pequenos filhos — que normalmente se transformam nos valores reais, em todos os campos, da nação a que pertencem, quando a idade adulta é alcançada. E estamos absolutamente certos que seja qual for o responsável pelas formações educacional, instrutiva e física da juventude de qualquer país, ele será sempre o melhor, o mais apto, o mais capaz de cumprir essa difícil, essa delicada missão! Só assim se poderá ter a tranquilidade de consciência que dá a certeza de um dever, com tão elevadas consequências, cumprido.

Nas crianças de todas as gerações, um elemento muito poderoso tem influído, e continuará a influir, para a formação do seu carácter: o da leitura.

Se se der à criança uma leitura válida, entusiástica, mesclada de episódios as-

(Conclui na 3.ª página)

Noticiário ECONÓMICO

LEGUMES TEMPORÁRIOS NO MERCADO INGLÊS

Nesta altura do ano há grande possibilidade de colocar no mercado do Reino Unido, legumes temporários de boa qualidade e de se obterem preços remuneradores. Os legumes com maiores possibilidades de colocação são cenouras, feijão e favas. As embalagens de menos de 12 quilos têm melhor aceitação.

PRODUTOS AGRÍCOLAS PARA A ALEMANHA FEDERAL

Os Estados Unidos, de 10 a 19 de Novembro deste ano, vão montar uma Exposição Agrícola em

(Conclui na 4.ª página)

A ACÇÃO DOS CRUZADOS NA CONQUISTA DO ALGARVE

por ARMANDO DE MENDONÇA

CABELOS desganhados agitados ao vento, relampejando sobre as cabeças os gumes das pesadas achas de guerra, ecoando gritos e gesticulando furiosamente, navegando em numerosas frotes, chegaram a Lisboa em 1189 e esses guerreiros, conhecidos por Cruzados, grandes e odiosos tanto a cristãos como a sarracenos, a pedido do Rei D. Sancho, que de seu pai D. Afonso tinha herdado a tarefa de libertar Portugal do domínio dos mouros.



Achando a empresa rica e compensadora, reunidos em si numa fé a que sobrepujam conceitos bárbaros e leis de pilhagem, co-

nhecendo profundamente a Ibéria donde levavam de retorno à pátria os porões repletos de despojos ganhos bárbaramente na guerra cristã na Península, os Cruzados encontraram-se no porto de Lisboa com D. Sancho, que os esperava com uma pequena frota para conjuntamente com os barcos ingleses vir até ao sul, conquistar a be-

lha Chelb, rica entre as mais ricas cidades da Andaluzia. Rodeando o Cabo de S. Vicente, entrando pela bela baía de Portimão, desembarcaram numa terra estranha, onde o sol era quente como brasa na lajeira,

(Conclui na 4.ª página)

José de Lima

ARTISTA vila-realense José de Lima viu mais uma vez premiado o seu talento de desenhador emérito.

Este nosso querido amigo foi distinguido pela revista técnico-publicitária ETA, a qual escolheu um dos seus trabalhos expostos na recente Exposição de Embolagem, realizada em Lisboa, e de projecção mundial, para figurar junto dos melhores artistas estrangeiros da especialidade. De salientar o facto de ter sido o único artista português a merecer tal distinção.

Dada a categoria desta publicação registamos com satisfação a honra concedida ao nosso conterrâneo.

CULTURA E INDÚSTRIA DO TOMATE



TOMATEIRO, votado à indiferença durante séculos, após a sua chegada à Europa como uma curiosidade botânica das terras recém-descobertas do Novo Mundo, tornou-se repentinamente nas últimas décadas uma das grandes vedetas do mundo hortícola, graças à popularidade conferida pelas reais qualidades organolépticas dos seus frutos, venceu o anonimato dos jardins botânicos e invadiu as hortas, povoou centenas de hectares de estufas, desceu aos campos abertos e originou um vasto movimento industrial.

A subida vertiginosa da curva de consumo mundial de tomate e seus derivados arrastou consigo o desenvolvimento da produção e de todas as actividades maiores e menores a ela ligadas. Em Portugal, onde as condições ecológicas são bastante favoráveis para esta cultura, o movimento ascensional processou-se de maneira idêntica à dos países mais adiantados. Dispõe-se presentemente duma indústria moderníssima em expansão, apoiada numa cultura que ocupa largas áreas e, mercê duma íntima colaboração entre serviços oficiais e o elemento particular, está a caminho duma verdadeira revolução técnica.

(Conclui na 4.ª página)

A frota pesqueira algarvia ULTIMA os PREPARATIVOS para a NOVA SAFRA

por Álvaro Cansado

É ISTO UMA CASA DE EDUCAÇÃO?

Sabem os leitores o que é embostar uma eira para depois se fazer nela a debulha dos cereais? Pois faz-se a mesma operação no solo do cubículo destinado ao Posto Escolar de Clarines para evitar as camadas de pó que se levantam do chão de terra batida! Mas aqui educam-se crianças!

FINALMENTE VAMOS TER O AEROPORTO NO ALGARVE

Segundo informa a Câmara Municipal de Faro, já foi iniciada a fase de aquisição de terreno destinado ao Aeroporto, prevendo-se que ainda no corrente ano esteja em condições de ser utilizado.

COM a aproximação do fim do «defeso» obrigatório, que se verifica a partir de 15 de Janeiro e termina a 15 de Abril de cada ano, as dezenas de traineiras de cada porto algarvio entram na última fase dos preparativos para darem início a uma nova temporada de pesca.

Em todos os anos, o panorama é o mesmo. Chega-se ao fim da safra pesqueira, normalmente, com o fim de ano, embora alguns barcos ainda se mantenham na pesca aproveitando até ao último minuto do último dia... Desarmados, os barcos entram nos estaleiros, para reparação ou beneficiação. Outros repousam na doca, sem maiores necessidades de «intervenção clínica» que as de limpeza e pintura. E durante três meses, em regra, nos estaleiros vai uma azáfama extraordinária. Homens e máqui-

(Conclui na 3.ª página)

(Conclui na 3.ª página)

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Cuidado COM AS CRIANÇAS

FOLHEANDO a imprensa depara-se ao leitor que não se preocupa apenas com as grandes notícias sensacionais deste quadro deveras constrangedor: «O lume da lareira matou uma criança», «morreu uma pequenita que caíra a um tanque com água fervente».

E quase todos os dias há notícias desta índole que, talvez por serem tornadas vulgares, quase já não chamam a atenção do grande público.

No entanto, a criança merece todo o amparo, todo o carinho, todo o desvelo, toda a atenção do pai, da mãe, do padre, do professor, do agente da autoridade, enfim, de qualquer e de todos os cidadãos bem formados pois a criança é, em qualquer país civilizado, um dos mais altos valores da nação.

Cuidar da sua cultura e guiá-la pelo caminho do bem e da previdência, que não exclui de maneira nenhuma a prudência, é obra de salutar patriotismo.

É claro que o acidente é uma triste realidade com que qualquer mortal pode deparar no caminho da vida, mas o certo é que a prudência pode evitar muitas causas de terríveis desastres e, como não há efeito sem causa, tudo aconselha a que estejamos sempre atentos em tudo o que fazemos.

Deixar uma criança de cinco anos sózinha à lareira é, de facto, ser réu da sua possível desgraça ou até da sua morte.

Deixar um poço descoberto, ratoeira onde pode cair o primeiro inocente que passe, é crime que a consciência pune e que a lei justa não devia deixar sem merecido castigo.

A educação da criança deve começar em casa, com o pai e com a mãe, com a família, que é ainda a base mais sólida da sociedade. Cuidado com as crianças!

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE
na FIGUEIRA DA FOZ:
Tabacaria Pessoa

ARCO DA VELHA

O artista-vidreiro Jean Barillet acaba de ser encarregado das maquetes e do fabrico de 26 vitrais destinados à catedral de S. José de Hartford, nos Estados Unidos. Estes vitrais serão constituídos por placas de vidro encaixadas em cimento, segundo técnicas geralmente utilizadas pelos artistas.

Um automóvel voador

Um automóvel destinado a alargar por completo as nossas ideias em matéria de transportes foi experimentado com êxito em Filadélfia. Trata-se dum automóvel provido de dois rotores de 2,5 m de diâmetro que lhe permitem voar a pouca altura, elevando-se por sobre a corrente do tráfego nas estradas. Mede 3,6 m de largura por 9,5 de comprimento.

A tonelada marítima e o seu cálculo

Desde que surgiu a indústria de transportes, todos quantos se dedicam a esse ramo de actividade têm lutado com o problema de medir, com exactidão, a carga de um navio. Os métodos hoje utilizados representam séculos de estudos sobre o assunto; e enquanto para o leigo, no mundo marítimo é o tipo de tonelada que conta.

Como tantos dos nossos princípios básicos da vida e do comer-

«JORNAL FEMININO»

CONTINUA a sair com a maior regularidade esta bela revista feminina, que já vai no seu n.º 81, e que tem como directora, editora e proprietária a sr.ª D. Elisa de Carvalho.

O seu aspecto é bastante apreciável e contém uma colaboração de elevada categoria.

Recomendamos às nossas prezadas leitoras a leitura de «Jornal Feminino», um mensário que honra as letras nacionais femininas.

GAGÜEZ

Podeis dominá-la pela reeducação da voz. Reeducam-se estudantes em quaisquer férias.

E. de Belles Leiria —
R. Álvaro Coutinho, 50, 3.º
(telef. 41500)—LISBOA-1.

cio, a medição das cargas parece ter começado quase que acidentalmente — uma evolução natural para satisfazer uma necessidade. Nos tempos antigos, uma das principais cargas transportadas por navios era vinho, acondicionado em grandes jarros ou tonéis.

É, portanto, pouco para surpreender que o tonel (eventualmente chamado «tonelada») se tornasse na unidade de medição da capacidade de carga dos navios. A tonelagem dos navios era calculada pelo número de tonéis de vinho transportados nos seus porões e, no século XVI, o tamanho específico de um tonel de vinho foi estabelecido por lei.

Com o rodar dos séculos foram estudados novos métodos e fórmulas para se conseguir maior exactidão nos cálculos da carga. Estes eram baseados nas dimensões do barco e levavam em conta o espaço desperdiçado na arrumação da carga e as variações do desenho do casco.

Mas com as mudanças que se verificaram — maiores navios, o ferro a substituir a madeira, e depois os óleos pesados a substituírem as velas — surgiram novos problemas que foram eventualmente solucionados pela elaboração de várias classificações, cada um tratando de um tipo diferente de tonelagem e que se encontram agora em uso nas frotas de todo o mundo.

No que diz respeito a navios mercantes, existem duas classificações. A tonelagem bruta de arqueação («gross register tonnage» — g. r. t.) é, em termos genéricos, a capacidade total de todos os espaços fechados do navio, medida em «toneladas» de 100 pés cúbicos. Por exemplo, um navio-tanque como o «Zaphon», da Shell, que possui 38.000 toneladas brutas de arqueação, terá 3.800.000 pés cúbicos de espaço fechado. A classificação geralmente utilizada para a tonelagem dos navios-tanques é, contudo, a tonelagem de carga («dead-weight tonnage» — d. w. t.) que representa o peso da carga, provisões, combustível para a propulsão do próprio navio e água que o navio pode transportar expressas em toneladas de 2240 libras. Um navio-tanque normal, de tamanho médio, tem geralmente uma tonelagem bruta correspondente a cerca de dois terços da tonelagem de carga.

A hora exacta

A estação de rádio WWV, de propriedade do Governo dos Estados Unidos, transmite continuamente, dia e noite, durante todo o ano, a hora, o minuto e o segundo exactos. Estes sinais, de precisão quase absoluta, servem para acertar cronómetros, para toda a espécie de fins científicos e de navegação. Os sinais, que se transmitem permanentemente nas faixas de 15, 19, 25 e 31 metros, podem ser escutados praticamente em todo o mundo.

A anedota da semana

Entre senhoras, discutem-se doenças.

— Sabes, querida? A doença da moda é chamada de «nervosite».

— Eu sei, eu sei.

— Ainda esta manhã tive um ataque de nervos terrível. Fiquei prostrada. É uma coisa terrível. Nunca tiveste nenhum?

— Não, filha. O meu marido faz-me as vontades todas...

LUTUOSA

Françisca Amália Negrão Cabrita

Com 89 anos, faleceu em Algoz, donde era natural, a sr.ª D. Francisca Amália Negrão Cabrita, viúva, proprietária local.

A sua morte consternou toda a gente e os pobres perderam uma amiga, pois era o amparo dos que à sua porta batiam.

Era mãe das sr.ªs D. Maria Francisca Negrão Cabrita Gomes, D. Teresa Amália Negrão Cabrita e do sr. António Negrão Cabrita; sogra do sr. Álvaro Duarte Gomes, dedicado amigo e correspondente deste jornal; e avó da sr.ª dr.ª D. Maria Francisca Negrão Cabrita Gomes, professora da Escola Comercial e Industrial de Silves.

O seu funeral, que se realizou para o cemitério local e teve assistência religiosa e a presença de bastantes pessoas, algumas de localidades distantes, foi expressiva manifestação de pesar, pois a finada era muito estimada pelas suas qualidades.

À família enlutada, apresenta «Notícias do Algarve», sentidas condolências.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

NOVOS PREÇOS DA ENERGIA ELÉCTRICA em Vila Real de S. António

Entraram em vigor, em Vila Real de Santo António, os novos preços da energia eléctrica. Segundo cremos, estes preços favorecem a população, a indústria e o comércio, facilitando a este a iluminação das montras e a instalação de anúncios luminosos. Para os consumidores pobres, com vencimento até 800\$00 mensais, foi criada a tarifa de 2\$00 o quilovatio. Foram estabelecidos escalões de 3\$00, 1\$80 e \$80, fixados de harmonia com o consumo e o número de divisões de cada habitação.

TEATRO DE ARTE em Vila Real de S. António

Em colaboração com o conhecido e estudioso actor teatral sr. Nunes Vidal, que se encontra em Vila Real de Santo António, de visita a esta vila, vai o Grupo Cénico «Gil Vicente», do Glória Futebol Clube, levar à cena brevemente um espectáculo de Arte, onde serão representadas as peças «Cheque sem Cobertura», de Monteiro Nunes (2 actos, para um só actor) e a discutida e original peça de Anton Tchekhov «Os Malefícios do Tabaco».

TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL de Vila Real de S. António

PRINCIPIOU na passada semana, no campo «Francisco Gomes Socorro», o Torneio Popular de Futebol de Vila Real de Santo António, que está a despertar extraordinário interesse entre os jovens rapazes desta vila.

Na primeira jornada os resultados foram os seguintes:

Botafogo (Azinhal), 0
Beira Mar (M. Gordo), 2
Lazareto, 3 — Sporting, 0
Vasco da Gama, 6
«Os Gráficos», 1

O Jogo Navais — O Celeiro, realiza-se na próxima quarta-feira, às 18 horas.

Jogos para hoje:

Navais — Vasco da Gama
«Os Gráficos» — O Celeiro

Terça-feira:

Beira Mar — Lazareto

AS OBRAS DO NOVO CANAL DE ACESSO AO CAIS DA FUSETA

Segundo o nosso prezado colega «Correio do Sul» noticia no seu último número, vai ser dispendida a importante verba de 500 contos, na primeira fase das obras, a todos os títulos urgentes e indispensáveis, do novo canal de acesso ao cais da Fusetta.

Esse melhoramento, pelo qual quase toda a imprensa regional se tem batido por ser de inteira necessidade e justiça para o bom e trabalhador povo da acolhedora vila da Fusetta, muito virá beneficiar a classe piscatória que era a que mais directamente sentia a sua falta.

CARTONAGEM

TODA UMA GRANDE VARIEDADE DE CARTONAGENS EXECUTADAS EM MÁQUINAS TOTALMENTE AUTOMÁTICAS

ESTUDAM-SE PROJECTOS E EXECUTAM-SE MAQUETES

TIPOGRAFIA SOCORRO

ARTES GRÁFICAS DESDE 1891

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ESTIVA EM OLHÃO

Vende-se edificio composto de três grandes armazéns, com ou sem todos os móveis inerentes e casa de habitação.

Para ver e tratar, falar com o sr. Manuel Paula Ventura, em Olhão.

Pensava que a minha camisa estava branca...mas a dela tem a brancura OMO!



OMO

... e roupa com brancura Omo é roupa mais macia, mais bem cuidada e com maior duração. Com métodos antiquados de lavagem, os esforços que se fazem para pôr a roupa bem branca, estragam os tecidos num instante. Se quer dar à sua roupa o tratamento perfeito que a limpa suavemente e a deixa impecavelmente mais branca, garantindo-lhe maior duração, use Omo. O método de lavagem Omo é o sistema mais moderno, eficiente e perfeito de dar aos tecidos a brancura deslumbrante que deseja — a brancura Omo.

OMO LAVA MAIS BRANCO

GASOSA



JAGUAR

VENDEM-SE

Máquina Universal — com motor eléct. 4 cv. para serrar, aplainar, furar e topiar madeira.

Outra máquina pequena para furar, serrar e podendo adaptar-se esmeril — com motor de 1 cv. monofásico

Para outras informações dirija-se a JOSÉ FRANCISCO CLEMENTE — R. Sã de Miranda — LOULÉ

A FROTA PESQUEIRA ALGARVIA

(Conclusão da 1.ª página)

nas, materiais e ferramentas são utilizados para que o serviço de reparação possa avançar sem perda de tempo, para que, na altura própria, traineiras e acostados fiquem aptos a desempenhar o seu papel na dura batalha da pesca do alto mar. E se calha aos primeiros barcos saídos a sorte de farta pesca inicial, ai dos mestres calafates que tiverem alguma culpa no atraso da reparação dos outros barcos ainda no estaleiro, à espera de serem repostos na água!

Em todas as terras piscatórias algarvias já se podem ver redes estendidas na beira-rio. E os marítimos tratando delas, cosendo-as, alcatroando-as, dando-lhes os últimos toques de afinamento. Está-se em vésperas da abalada para o mar. E, se houver sardinha, ou biqueirão, ou cavala, o peixe não espera...

Alguns barcos já ensaiam motores e hélices, em pequenas demonstrações da afinação do todo de que se compõem. Vê-se, assim, no rio a repovoação marinha de barcos e homens afeitos ao mar.

As canções típicas dos pescadores, no alar das redes, tornaram a ser escutadas à beirinha do rio. Cada vila, cada cidade marinheira começa a sentir o afluxo dos marítimos pescadores, vindos, a maior parte deles, das redondezas da serra algarvia. E a forçada paralisação de alguns meses se, por um lado, os leva a um descanso compensador de energias dispendidas, sem o controle da conveniência salutar, durante a longa temporada piscatória nos mares do Sul e do Norte, por outro lado os força à extinção do último centavo que tenham podido amellar, no caso da sorte não ter sido madrastra.

Motores afinados, cascos reparados, redes apetrechadas, as últimas pinturas avivando a bonita cor de cada uma das unidades pesqueiras, os homens fazem contas à vida. Nos longes da distância resumida à temporada de alguns meses, as esperanças bailam e bailam em redor do próprio ambiente de conforto mental que acendem. Mas o fogo da necessidade atiza a ansia de boa pesca nos dias imediatos ao seu retorno ao mar. É sempre nessa bondosa e necessária fé do pescador que só com o seu esforço pode contar ao certo, que ele sente aproximar-se o dia do começo da nova temporada de pesca com a ansiedade de quem espera a felicidade.

Dão-se os últimos retoques na afinação da esquadra piscatória. Os barcos, e os homens, estão de abalada para o mar. Boa pesca!

Álvaro Cansado



Muitas vezes é suficiente apenas 1 comprimido.

Contra dores de cabeça constipações reumatismo

ASPIRINA



Há mais de 60 anos ASPIRINA e BAYER familiares a todos.

Novidades Literárias

● A Editorial Estúdios Cor acaba de lançar o 8.º fascículo do «Dicionário da Pintura Universal», obra vastíssima que responde a qualquer interrogação sobre os problemas da pintura, desde a arte das mais remotas civilizações aos movimentos contemporâneos. Neste fascículo incluem-se, entre outras, reproduções a cores de obras de Dufy, Dürer, Van Dyck, Max Ernst, Gauguin, Ferrer Bassé, arte egípcia, etc., e os textos apresentados são assinados pelos nomes mais notáveis da nossa crítica de artes plásticas.

● A nóvel Editorial Minotauro, orientada pelo escritor Urbano Tavares Rodrigues, continua a publicar, num ritmo fiel ao plano traçado, a magnífica Divina Comédia, de Dante. Estão publicados sete fascículos, com ilustrações de pintores portugueses contemporâneos. A tradução, a cargo dos poetas Fernanda Botelho, Sophia de Mello Andressen e Armindo Rodrigues, é extremamente cuidada. A mesma editorial anuncia para breve a publicação de outras obras de grandeza excepcional.

● Com a publicação do 54.º fascículo de «As mil e uma noites», a Estúdios Cor chegou ao fim do 4.º volume dessa obra extraordinária e sem par na literatura de todos os tempos. A edição da Estúdios Cor honra as nossas artes gráficas e as gravuras a cores integradas nos volumes editados, assinados pelos nossos melhores artistas, são de inexcusável bom gosto. Ao mesmo tempo essa editorial começou a distribuir os primeiros fascículos do 5.º e último volume de «As mil e uma noites».

UM LUGAR AO SOL, de John Braine

Alguns anos depois de terminada a guerra, por alturas de 1950, surgiu em Inglaterra uma nova geração literária que, em contraste com a placidez da literatura que então ali se fazia e que a guerra parecia não ter afectado sensivelmente, se apresentava, por assim dizer, levantando um pendão de inquieta revolta e de irreverência. Foram esses escritores dominados «angry young men», o que, em tradução livre, significa «jovens irados» ou «indignados». Efectivamente, a ira e a indignação, embora excluindo toda a ênfase, sem apóstrofes nem arrebatamentos de retórica, são o móvel desses escritores. Os motivos de tal disposição de espírito talvez possam encontrar-se na desilusão que a paz quase sempre produz nas gerações que fazem a guerra. Em certo sentido, pode dizer-se até que todas as gerações de pós-guerra são gerações de «young angry men», porque nunca as promessas da guerra são mantidas, e muito menos cumpridas, na paz.

Entre esses escritores, e embora recusando-se a enfileirar no grupo, que não nas tendências ou no modo de as exprimir, salienta-se John Braine, autor de dois romances apenas, dos quais, «Um Lugar ao Sol», foi um dos maiores êxitos editoriais e de crítica dos últimos anos. O livro narra a história duma ambição. Nascido nas classes baixas da sociedade, Joe Lampton, o protagonista, tudo fará para passar ao outro lado da linha que separa ricos e pobres, para conquistar o seu lugar ao sol. Ao mesmo tempo lúcido e cego, frio e apaixonado, acabará por provocar o suicídio da mulher que mais profundamente o amava, derradeiro obstáculo

Uma Delegação EM LOULÉ DA «PRÓ-ARTE»

A fim de decidir acerca das possibilidades da criação em Loulé de uma delegação da Pró-Arte, realizou-se na passada sexta-feira uma reunião na Câmara Municipal que decorreu no meio do maior interesse, tendo-se verificado boas possibilidades para o êxito desta iniciativa.

CALDAS DE MONCHIQUE

MAIS UM PASSO IMPORTANTE PARA A SUA VALORIZAÇÃO

ESTÁ aberto o concurso para a distribuição e venda da conhecida e afamada água das Caldas de Monchique, dando-se assim normal curso a um assunto de tão elevado interesse para toda a região algarvia, e que tantos contratempos houve que se vencer para se chegar ao resultado, tão desejado e normal, a que se acaba de chegar.

que se interpunha entre ele e o triunfo final. Joe Lampton triunfará, pois... É quando vê realizadas todas as suas aspirações, quando nada mais lhe fica para desejar, que vai narrar, com o amargo sabor de desilusão que sempre sobrenada no prazer mais vivo, a história da sua ambição, numa apaixonada obsessão de verdade que não recua diante da confissão das próprias baixezas e cobardias.

PELÉ VALORIZADO EM 35 MILHÕES!

CLUBE dos milionários que é o famoso «Real Madrid» acaba de oferecer, oficialmente, ao «Santos F. C.», da cidade brasileira do mesmo nome, a fabulosa soma de 35 milhões de cruzeiros pela cédência do seu jogador negro Pelé!

Diz-se, entretanto, que a direcção do «Santos» não está disposta a perder o concurso do seu famoso jogador-malabarista, seja porque dinheiro for!

Que tempos, estes, tão desconcertantes...

É ISTO UMA CASA DE EDUCAÇÃO?

(Conclusão da 1.ª página)

chuvosos de Inverno acodem os vizinhos com alguidares para que se não alague a casa com a água caída do telhado. Nesses dias uma braseira teima em dar um pouco de conforto aos meninos enregelados.

Que crime terão eles cometido para tão novinhos terem tão triste penar?

Por caridade, acudi-lhes, que já Jesus dizia:

— Deixai vir a Mim os pequeninos...

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINEO & C.ª

VILA NOVA de GAIA



A influência das leituras nas crianças

CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA

sententes e consentâneos com o espírito juvenil, onde não faltem os actos de maior bravura ao mesmo tempo que os de normal cavalheirismo; onde se passem as cenas de maior heroicidade a par de outras de mais admirável humanismo, ela gravará no mais profundo de si mesma os elementos-chaves de tal leitura que não mais se apagarão, haja o que houver, dure a juventude o tempo que durar.

Com a mesma sensível receptibilidade para a leitura que é considerada boa, assim se passa com a outra, que todos os pedagogos condenam como perniciosas mas que não há, até agora não tem havido, meios considerados suficientemente poderosos para a destruir. Queremos referir-nos às histórias de quadrinhos, às colecções taxadas de juvenis, e a tantas outras mais para meninas casadoiras e que são lidas desde as que andam nos bancos das escolas primárias até às «meninas» de mais de meio século de existência... Lavra uma onda avassaladora dessa leitura fácil, representada em colecções cor de rosa, amarela, café com leite e tantas outras mais que enumerá-las acabaria por nos pôr a mente à razão de juros! E não se descortina forma de se opor um dique poderoso a essa avassaladora ameaça, que envenena o espírito da juventude actual!

Há que tentar, seja de que parte for, para a iniciativa de quem partir, a aplicação de um freio na conquistadora carreira da deseducação juvenil propiciada pelos livros e revistas de quadrinhos. Há que tentar-se uma campanha de arejamento nessas leituras indicadas como sendo para crianças e para jovens e condená-las como perniciosas que, na realidade, são. Há que promover, na mais ampla escala, uma campanha de esclarecimento junto dos pais, dos educadores, dos responsáveis pelo futuro dos homens de amanhã — crianças hoje que terão, mais tarde, na idade adulta, a possibilidade de reter em suas mãos as rédeas na condução dos povos a que pertencem, e que representem!

António da Costa

MOVIMENTO PORTUÁRIO DO SOTAVENTO

Segundo o nosso prezado colega «Jornal do Algarve», nos últimos nove anos, isto é, de 1951 a 1959, as médias das exportações e importações (peso) e de valores dos quatro portos do Sotavento do Algarve foram as seguintes: VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 141.209 ton. e 118.471 contos; FARO, 17.916 ton. e 52.655 contos; OLHÃO, 11.612 ton. e 2.195 contos. Só o primeiro porto deu entrada e acostagem a todos os navios que o frequentaram.

BARLAVENTO, SOTAVENTO e Loulé

(Conclusão da 1.ª página)

número sempre crescente de alunos.

No campo do desenvolvimento urbanístico é que se encontram as mais sérias dificuldades, que têm prejudicado Loulé sob todos os aspectos, pois que, devido à falta do respectivo plano, que está há vários anos em estudo, Loulé vê-se privada de inúmeras edificações que muito a valorizariam, e que, dessa maneira, têm ido beneficiar outras localidades.

Temos também o parque, do qual foram apresentadas plantas e maquetas, que entusiasmarão todos, perante essa grande obra em perspectiva, valorizando enormemente esta vila, mas que não passou da construção das avenidas e plantação de algumas árvores talvez por deficiência económica. Mas já que não se pode fazer melhor, pelo menos devia haver um tratamento adequado, ajardinando, plantando algumas flores e talvez colocando bancos, o que tornaria, com certeza, o parque um dos lugares preferidos para se passear e passar alguns momentos de paz e tranquilidade, longe da actividade vertiginosa do dia a dia, de todos os dias, já que em Loulé não há pelo menos um jardim, na verdadeira acepção da palavra, que mostre aquelas qualidades, como se encontra em muitas outras terras.

Tudo isto vem a propósito de sermos louletanos e bairristas e, como tal, gostarmos de ver a nossa terra engrandecida e admirada em suas belezas naturais e mais as ajudadas pelos homens de boa vontade e iniciativa.

Não queríamos deixar de lembrar também que Loulé possui condições naturais e outras, suficientes para apresentar um cartão turístico à altura de competir com qualquer outra região algarvia.

Mas para isso será preciso que se tomem iniciativas capazes de atrair turistas de todas as partes, como sejam as de promover instalações hoteleiras que possam oferecer óptimas condições aos forasteiros, facultando-lhes assim uma permanência económica, saudável e rendosa para o turismo algarvio. Este é um dos problemas que podiam e deviam ser solucionados por intermédio de um departamento próprio, para tal organizado.

Oscar Laginha

"Cada garfada é um gosto!"



Escreve-nos a Ex.ª Sr.ª D. Ana Ferreira Ribeiro, Rua de Trás, n.º 13, Porto.

«Eu sou a primeira a verificá-lo. Mas, para mim, os melhores resultados notam-se na carne. Fica tão saborosa, tostadinha e ressumando molho bem gostoso.»

E os bolos? A Vaqueiro com o açúcar, mistura-se tão bem. Faz um creme fino e leve. Com a Vaqueiro os bolos ficam fofinhos e tão saborosos! Use a senhora também a finíssima Vaqueiro, composta de puríssimos óleos vegetais, e dê a todos os seus cozinhados o agradável paladar que os torna ainda mais apreciados.

* Esta carta pode ser consultada no Instituto Culinário da Margarina Vaqueiro, R. dos Fanqueiros, 278-3.ª — Lisboa

Vaqueiro torna tudo mais apetitoso



61-VA-41

FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. SAGAVÉM

VIAJANTE

Oferece-se: — Algarve e Baixo Alentejo

Conhecendo os seguintes RAMOS: Quinquelharias, Bijutarias, Artigos de Menaje, Plásticos, Malhas e Miudesas. Carta de ligeiros. Resposta a este Jornal ao n.º 75

Tipografia SOCORRO

Os mais modernos estabelecimentos gráficos do Sul do País — Telef. 59

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Política...

Não sabemos se repararam na-
quele tenebroso plano de assassi-
nio da família do Presidente dos
Estados Unidos e rapto de sua
filha, menina de três anos.

Cremos que chamam a isto,
política...

Nós, no nosso vocabulário, não
sabemos o que lhe havemos de
chamar.

Classifique-o o leitor como en-
tender, mas chame a sua consi-
ciência ao julgamento.

Criminalidade

Acusam as estatísticas interna-
cionais que a criminalidade na
Europa Ocidental tem recrudesci-
do, acentuando-se na idade juve-
nil. Somente o nosso país mar-
ca um ponto estacionário.

O que se espera de crianças
sem o conforto e amparo de um
lar bem formado e atiradas sem
discernimento para todas as per-
versas distrações?

Desastres

A tragédia de S. Brás de Alpor-
tel que vitimou três criaturas des-
cuidadas e indefesas, conversan-
do tranquilamente ao lado da es-
trada, veio pôr em foco outra
causa dos tremendos desastres
que constantemente se estão a
repetir: falta de fiscalização e vi-
gilância sobre os travões.

Também só a polícia terá de
exercer a sua acção. E toda ela é
diminuta em face do interminável
martirólogo que ensanguenta as
estradas e ruas e lança no deses-
pero e na miséria famílias inteiras.

E continua

Foi mais para o Norte: — um
empregado de uma senhora furta
à patroa o automóvel e convida
amigos para uma passeata alegre.

Desfecho: — dois mortos e um
ferido com fracturas nos mem-
brs.

Já não pode ser chamado à
responsabilidade o delinquentes
que pagou com a vida a sua le-
viandade. Mas tem de haver re-
pressão enérgica para estas e
outras levandades semelhantes.

A ACÇÃO DOS CRUZADOS
NA CONQUISTA DO ALGARVE

(Conclusão da 1.ª página)

onde o ar era perfumado pelo
odor das laranjeiras em flor e as
amendoieiras cobriam a terra ver-
deante, como uma região semi-
tropical, as figueiras de folhas
viscosas e as alfarrobas escuras,
rodeavam esta terra paradisíaca
de um raro mistério.

Porém um silêncio profundo
envolvia tão suaves e cativantes
paisagens, no campo esventrado,
o arado jazia inútil e abandonado,
na nora de água refrescante
os alcátruzes quedos secavam
o sol forte de Março, na fuga
precipitada a faina dos campos
tinha sido abandonada pelos sar-
racenos, que nas altas e inexpu-
gnáveis muralhas de Alvor cura-
raram refúgio.

Depressa os Cruzados ao som
das trombetas de guerra e de g-
ritos bárbaros do norte lançaram-
se furiosamente sobre a fortale-
za muralhada de Alvor que com
intrépido valor e sanguinária co-
ragem venceram, escalando mu-
ralhas, saqueando, matando, fe-
rindo, tudo finalizado por uma pi-
lhagem atroz onde foram massa-
cradas mais de seis mil pessoas.

À cidade de Silves, a lendária
Chelb, chegaram em Julho do
mesmo ano, nova vaga de Cruza-
dos desta vez com mais ingleses,
na maioria londrinos, cobiçosos
da mais bela e rica cidade da An-
daluzia, atraídos pelo saque que
D. Sancho lhes prometia.

Acamparam junto ao rio Ara-
de, frente à cidade de Silves, cu-
jos campos ao redor foram
abandonados aos gritos da má-
nova de «os cristãos estarem na
baía», cujas muralhas mais fortes
e ameaçadoras, erçadas de lan-
ças e arcos, exibiam todo o seu
poder e inexpugnabilidade.

O sol de Julho, forte e abra-
sador dardejava sobre a terra algar-
via, ao longe na colina ondulante
a cidade sarracena de Silves mos-
trava-se maravilhosamente bran-
ca, rodeada de miranetes e jar-
dins, povoada de templos e pomar-
es, no alto o castelo defendido
por fossos intransponíveis e in-
vincíveis muralhas e torres de vi-
gia mostrava-se difícil de con-
quistar.

De olhares reacios as tropas
portuguesas mostravam-se duvi-
dosas da sua conquista, os Cru-
zados, de olhares inflamados a que
o sol escaldante fazia crescer a
pele, indomáveis e ambiciosos,
preconizavam já a conquista de
Silves e repartiam a pilhagem em
grotescas e deambulatórias farsas.

A TIPOGRAFIA SOCORRO

executa, com inexecedível per-
feição, além de todos os tra-
balhos tipográficos:

Envoltórios, Rotulagem, etc.

Vila Real de Santo António

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

A necessidade de um Jardim-Escola
em Vila Real de Sto. António

(Conclusão da 1.ª página)

Cultura e Indústria do Tomate

(Conclusão da 1.ª página)

A Secretaria do Estado da
Agricultura entendeu ser de
interesse levar ao conheci-
mento do público os princi-
pais aspectos dessas activi-
dades, revelando simultânea-
mente a existência dum pro-
duto — o concentrado de to-
mate — até à data exportado
na sua quase totalidade para
diversos países e cujo uso,
em maior escala, na cozinha
nacional, sobretudo no perío-
do em que falta o fruto fres-
co, tem inegáveis vantagens.

Para este efeito, a Direc-
ção-Geral dos Serviços
Agrícolas, através do Servi-
ço de Informação Agrícola,
produziu uma película cine-
matográfica, realizada pelos
engenheiros agrónomos sr.
A. Félix da Cruz e Weber de
Oliveira, onde se mostram
as diversas fases da cultura
e da preparação industrial do
tomate, desde os viveiros, de
concepção moderna, trans-
plantação, grangeios, colhei-
ta e transporte dos frutos
para a fábrica e classificação

à chegada ao cais, como meio
de assegurar um pagamento
justo ao lavrador e de o estí-
mular no sentido da quali-
dade, até à entrada do to-
mate nas linhas de lavagem,
esmagamento dos frutos,
limpeza e concentração do
sumo, enlatamento e pas-
teurização do produto, arrefe-
cimento e embalagem, e
expedição para os mercados.
A título de curiosidade são
apresentados no final alguns
pratos preparados com to-
mate.

Essa película termina com
uma panorâmica dum grande
tomatal conduzido segundo
as modernas técnicas e com
as seguintes palavras, que
constituem a expressão de
um anseio de renovação ma-
terial da nossa Lavoura, pre-
sente no íntimo de todos os
que a ela se dedicam: «A ex-
pansão da cultura do toma-
teiro, a que os Serviços
Agrícolas oficiais dão o seu
apoio, vem contribuir assim
para a valorização da terra
nos regadios e para o res-
urgimento económico-social
dos que a trabalham, forne-
cendo ao mesmo tempo ao
povo português um alimento
agradável com apreciáveis
qualidades protectoras da
saúde».

A apresentação de «Cul-
tura e indústria do tomate»
foi feita no salão de cinema
do S. N. I., numa sessão
especial promovida pela Se-
cretaria de Estado da Agri-
cultura e em que se exibiram
também as películas «Areas
de Portugal», da Junta de
Colonização Interna, e «A
fruta» e «Viveiros e planta-
ções de eucaliptos», da Di-
recção-Geral dos Serviços
Florestais e Agrícolas.

in «Revista Agricultura», da D. G. S. A.

Noticiário
económico

(Conclusão da 1.ª página)

Hamburgo, com perspectivas
de aumentar as exportações
de productos agrícolas para a
Alemanha Federal.

CONSERVAS
VEGETAIS

Durante o
ano de 1960,
a Itália ex-
portou con-
servas vegetais num valor de
mais de 45 bilhões de liras. Só
nos primeiros onze meses fo-
ram exportados 2.176.000 quin-
tais de concentrado de tomate
no valor de 29 bilhões de liras.

ALEMANHA — Um contin-
gente de importação ainda não
fixado, foi aberto na Alema-
nha, para conservas de alper-
ce, pêssego e de «fruit-
cocktail», em recipientes com
um conteúdo não inferior a 5
quilogramas.

CONSERVAS
DE PEIXE

BRUXELAS
— Sardinhas
Mantem-se
a firmeza
das cotações portuguesas; pa-
ra as marcas correntes os pre-
ços situam-se em 490 Frs. por
caixa 1/4 Club 30 m/m C & F
Antuérpia. Igualmente a cota-
ção dos Filetes de Cavala man-
tem-se sem modificações.

AMÊNDOAS

Fraca pro-
cura. Os
preços da
mercadoria disponível conti-
nuam a baixar dadas as ofer-
tas interessantes da colheita
de 1961. Faro corrente, 50 Frs.
o quilo C & F Antuérpia me-
nos 1%, de desconto, PG cor-
rente, 49 Frs. o quilo C & F
Antuérpia.

Armando de Mendonça

DEFENDENDO A ACADEMIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

«Academia falida», a não ser
que o termo academia seja ali
empregado no sentido mais lato
da palavra, o que não parece ser
a intenção do autor, pois refere-
se a uma academia sem orleão,
sem tuna, sem associação acadé-
mica, sem as mais rudimentares
manifestações de cultura. Estas e
mais o espírito académico, que
parece ter desaparecido, não de-
ixam qualquer dúvida que a refe-
rência é feita à academia de to-
dos conhecida: a velha academia.

Eu sou dos últimos tempos da
Academia, da Academia em Faro,
da Academia em Lisboa, da Aca-
demia em Coimbra, dos últimos
tempos da Academia em toda a
parte do País. Nesse tempo, a
Academia agonizava e o espírito
académico, laço inquebrável en-
tre todas as academias menciona-
das, expirava com ela. A Aca-
demia tinha sofrido e sofria tantas
«operações» que os doutores de-
clararam estéril a pobre enferma.
A «gravidez» não lhe seria mais
permitida. «A gravidez espiritual»
natural não podia ser permitida.
Eventualmente e ocasionalmente,
ensaios de inseminação artificial
foram tentados. Resultados: ali-
jados anémicos, a quem mesmo
transfusões da melhor boa vonta-
de nunca poderão substituir o vi-
vificante saudável sangue mater-
no, duma prenhez natural. Mesmo
assim, sinto dúvidas que o ané-
mico aludido seja filho da saudosa
velha academia.

Não seria preferível chamar-lhe
qualquer outra coisa? Dê-se-lhe
um nome diferente!

A velha Academia adoeceu gra-
vemente, e por isso já não pode
cantar o fado. Há fados, sim, as-
sim como têm sido muitos os for-
mados, mas não o «fado» nem o
«formado» da profecia encerrada
na tão conhecida passagem do
«fado Hilário».

A velha Academia deixou de
facto de cantar o fado, o fado
cantado com fé, fé numa predesti-
nação para as alturas do espiri-
to, fé no cumprimento de ideais.

Pela mesma razão que se dei-
xou de cantar o fado, perdeu-se a
habilidade para escrever jornais
académicos, perdeu-se entusias-
mo por tunas, orleões, etc. etc.

É preciso, é absolutamente ne-
cessário, digamos é urgente, res-
suscitar a Academia, a Academia
que ainda vive nas nossas memó-
rias e por onde passaram gera-
ções cheias daquela fé inabalável
no futuro, fé donde deriva aque-
la alegria com que a juventude só
sabe cantar quando vive com a-
quilo que lhe pertence.

Dê-se a César o que é de Cé-
sar, dê-se à Academia a juven-
tude.

D. Baltazar

Boston, Março de 1961

Canção do Zé Andorinha

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Zé Andorinha foi com nuvens
negras. Veio um mar tão bravo
que partiu o barco — Zé Andori-
nha nunca mais voltou. E os pei-
xes que o viram, com cabelos de
algas, deram boas noites. Mas o
Zé não disse: «Ói-ó!... boa noi-
te, amigos!»

Quando os outros passam, di-
zem lá consigo: «Zé Andorinha
já não vem à pesca. Boa noite,
Zé!»

E uma voz ecoa: «Boa noite,
amigos!»
Ói-ó!

Candeia Nunes

Diminuídos
FÍSICOS

(Conclusão da 1.ª página)

porque se sentia também um ser válido?
Se o cego é um homem emparedado em
certada escuridão não valerá a pena abri-
-lhe frestas por onde entre um pouco de
luz interior?

Depois, no seguimento da entrevista,
ouvimos ainda um cego sujeito há dois me-
ses ao trabalho da recuperação.

Mostrava-se satisfeito e declarou que a
sua ambição era vir a ser radiotécnico.

Ouvimos de seguida uma senhora cega
aos três anos de idade. Tem emprego em
instituição fabril e cre que o seu trabalho
é produtivo pela simpatia com que a cer-
cam e pela consideração com que a tra-
tam. Entretanto os seus desejos são vir a
trabalhar num laboratório.

Quem estas linhas escreve tem um seu
contêrraneo cego, já homem feito e agora
à beira dos trinta anos, que foi chamado
para ser entregue à recuperação e vir de-
pois a ser empregado. Com isso se sente
muito contente.

Temos todos de estabelecer uma cadeia
de protecção e carinho em volta destes
infelizes.

Porque não há-de o público preferir os
artigos manipulados pelos cegos? Não são
inferiores aos outros e deste modo pre-
stamos-lhes o nosso auxílio. Porque não
há-de os patrões admiti-los, quando re-
cuperados, ao seu serviço? É valorizá-los
e com isso sentirão os empregadores con-
solação se de todo não estiverem empede-
nidos.

Ventilando estes assuntos também nós
queremos contribuir com uma parcela de
auxílio que sobre todos impende como
imperativo de consciência.

Tiago Lins

VISADO PELA
Comissão de Censura

CHÁVENAS
de café

QUASE AMARGO

Pelo dr. CRUZ MALPIQUE

Polémica e poeira

Era Berkeley quem dizia:
«Levantamos a poeira e la-
mentamo-nos depois de não
ver nada»...

Não sei, agora, a que
propósito Berkeley dizia
isso. Quem com autêntica
propriedade o pode dizer
são os polemistas que dis-
cutem, não para descobre-
rem a verdade, mas para
imporem a sua verdade,
uma «verdade» que é, em
muitos casos, uma redon-
díssima mentira, ou um
erro com aparências de ver-
dade, por ser um puro so-
fisma.

Os polemistas dessa espé-
cie são precisamente os
tais que se fartam de le-
vantar poeira — para se da-
rem a impressão de que es-
tão apanhando os touros,
de caras, quando, afinal,
estão apenas metendo far-
pas em mansíssimas vacas
de papelão. Não combatem,
enamorados da verdade;
pretendem simplesmente
iludir e... iludir-se. Mas,
ao fim e ao cabo, só con-
seguem que alguns caboti-
nos os aplaudam, e quando
os aplausos estrolejam
na tão quadrante, a pessoa não
se enche de glória, mas de
ridículo.

De discussões assim não
nasce luz nenhuma. Mas
poeira e só poeira. E quan-
do esta é espessa, ao ponto
de se poder cortar à faca,
aqui d'el-rei que não se vê
nada!

Em boa verdade, os po-
lemistas dessa estirpe co-
meçam logo por não ver
nada, de entrada. Cegos
entram, cegos discutem, e
com triplicada ou quintu-
plicada cegueira fecham o
triste espectáculo que ofe-
receram ao público.

Cruz Malpique

O «ALGARVE»

O nosso prezado colega farense
«O Algarve» acaba de completar
55 anos de existência, pelo que
apresentamos a todos quantos ne-
le trabalham, em especial ao seu
director, sr. Arthur Serrão e Sil-
va, as nossas mais vivas felicita-
ções.

TINTAS EXCELSIOR



J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.